

29/07/2016 às 05h00

O último adeus

Os 210 textos curtos que, divididos em três partes, ocupam as 264 páginas de "O Caçador de Histórias", são o adeus final de Eduardo Galeano (1940-2015). São seus escritos derradeiros: quando o livro foi lançado pela editora Siglo XXI da Argentina, em abril, fazia exatamente um ano que ele tinha morrido. Em seguida, apareceram edições na Espanha, na Colômbia, no México, e mundo afora. No Brasil, a edição da L&PM foi para as livrarias no fim de maio. E uma vez mais, honrou-se a tradição de a primeira tradução de um livro de Eduardo ser a brasileira. Tem sido assim desde os contos de "Vagamundo", num distante 1976.



O autor Eduardo Galeano (foto), que morreu no ano passado, acaba de ter seu último livro, "Caçador de Histórias", lançado no Brasil

Há uma exceção: "As Veias Abertas da América Latina". É que em 1971, quando esse livro, que consagraria seu autor, foi publicado, havia a férrea censura imposta pela ditadura brasileira. A primeira tradução só apareceu aqui muitos anos depois de sua edição original.

"O Caçador de Histórias" é, em primeiro lugar, Eduardo Galeano em estado puro, e em seu pleno esplendor. Aqui estão todos os riscos que resolveu enfrentar por conta própria desde o longínquo ano de 1975, quando começou a escrever "Dias e Noites de Amor e de Guerra", decidido a romper de uma vez e para sempre as barreiras entre os gêneros da escrita. Memória, crônica, conto, ensaio, confissões, tudo isso sem se deixar prender a fronteira alguma, numa mescla única pontuada por uma carga poética densa, salpicada de humor, enfim, tudo aquilo que a alma humana é capaz de viver para depois escrever.

E assim foi escrito "O Caçador de Histórias", com a mesma e desafiadora estrutura que começou com "Dias e Noites" e que Eduardo foi desenvolvendo com rigor cirúrgico: dizer muito falando pouco. Para cumprir a meta, era preciso ter a precisão do corte exato e necessário, e isso tinha de sobra. Abraçou, como pouquíssimos autores, a lição básica de um mestre de mestres, Juan Rulfo (1917-1986): "Escrever é cortar".

A partir dessa certeza, a escrita de Eduardo foi se desenhando com imagens cada vez mais condensadas, até chegar a um ponto que levou um jornalista espanhol a descrever seus livros de um jeito que ele viria a dizer que era exatamente o que buscava. Dizia esse jornalista que Eduardo via o mundo e a vida com um olho no microscópio e outro, no telescópio. Sabia enxergar com nitidez as menores coisas da vida e do mundo e, ao mesmo tempo, enxergar a sua amplidão. Assim é, assim foi.

E também nesse aspecto "O Caçador de Histórias" é Eduardo Galeano em estado puro: alguns dos textos mais contundentes e definitivos têm cinco, seis linhas. Cada uma delas mostra sua forma de ver o mundo e a vida com olhar limpo e límpido, uma limpidez recuperada, aprendida nas trincheiras dos tempos.

Porque Eduardo conheceu todas as dores e desesperanças, e se livrou de todas elas. Das alegrias, não: vivia o hoje com plena noção do ontem, e com os olhos postos sempre no amanhã. "O melhor dos meus dias eu ainda não vivi", dizia reiteradamente. Sempre pensei que essa frase, vinda de quem viveu tanto e tão intensamente, era dita para ele mesmo, como unguento

Cultura & Estilo

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

Ver todas as notícias

PENSKE LOGISTICS SOLUÇÕES PERSONALIZADAS PARA A CADEIA DE SUPRIMENTOS.

PENSKE SAIBA MAIS

À mesa com o Valor

Entrevistas



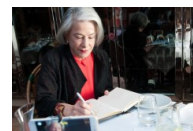
SARAH MENEZES
Suavidade em luta

05/08/2016 às 05h01



MATEUS SOLANO
Quanto mais malvado, melhor

29/07/2016 às 05h00



ELIANA CARDOSO
Uma vida sem economia

22/07/2016 às 05h00



ROBERTO KALIL FILHO
No coração do poder

15/07/2016 às 05h00



SUZANA HERCULANO-HOUZEL
Desbravadora de mentes

08/07/2016 às 05h00

Vídeos

No texto de introdução que Carlos Díaz, o jovem diretor da Siglo XXI argentina escreveu, é contada a história da edição do livro. Há revelações importantes, que mostram bem o rigor de Eduardo. Díaz também conta que Eduardo estava trabalhando em um livro novo, que chamava de "Rabiscos". Vinte desses textos acabaram incorporados a "O Caçador de Histórias". Vários deles abordam um tema que costumava evitar, até mesmo nas conversas com os amigos mais íntimos: a morte.

São de uma beleza insuperável, e nos permitem perceber como ele, que sabia da gravidade da sua doença, um câncer que insistiu em voltar, tratava de desvendar o mistério da partida final. Textos como este, histórias que ele caçava vida afora:

"Desde que se deitou pela última vez, Guma Muñoz não quis mais se levantar.

Nem mesmo abria os olhos.

Num de seus raros despertares, Guma reconheceu a filha, que apertava sua mão para dar serenidade ao seu sono.

Então falou, ou melhor, sussurrou:

- Que esquisito, não é? A morte me dava medo. Não dá mais. Agora, me dá curiosidade. Como será?

E perguntando como será, se deixou ir, morte adentro."

Helena Villagra, sua companheira inseparável desde maio de 1976, me contou que em nenhum momento Eduardo pensou que jamais veria o livro editado. Ao contrário: mesmo extremamente debilitado - a partir de fevereiro de 2015 ele decaiu muito - continuou retocando, lapidando os textos com a meticulosidade obsessiva de sempre. Queria saber como será, como seria, e continuo me perguntando se ele agora sabe como foi.

Eduardo Galeano preferiu escrever do jeito que um jornalista espanhol descreveu: "Com um olho no microscópio, e outro no telescópio"

A partir de determinada altura da nossa vida - por volta de 2000 - Eduardo, por alguma razão secreta que jamais entendi, só me dizia que andava "rabiscando minhas coisinhas". Foi essa a única - absolutamente única - mentira que ele mentiu para mim ao longo de uma amizade fraterna que se estendeu por 42

anos, bem mais que a metade da minha vida. Volta e meia eu contava o que estava escrevendo e pedia, brincando, para que ele não me surpreendesse, despejando na minha mesa um livro novo para ser traduzido. Que me avisasse com antecedência.

O resultado do meu pedido variava. Ora ele me tranquilizava dizendo que faltava muito e o tal livro novo só aparecia meses e meses depois, ora ele me tranquilizava dizendo que faltava muito e o tal livro novo aterrissava em minha casa duas semanas depois.

Nossos últimos encontros aconteceram em janeiro do ano passado, três meses antes de ele cometer a injustiça extrema de ir embora para sempre, me deixando órfão de irmão. Fiz a pergunta de sempre, e ouvi a resposta de sempre: Eduardo me disse que estava polindo o livro novo com toda calma do mundo, e que além disso estava trabalhando nuns "rabiscos".

Desta vez, ele não mentiu. A primeira parte de "O Caçador de Histórias" é o livro novo, que ele continuou polindo até poucas semanas antes de partir na viagem sem volta. E dos tais "rabiscos" saíram os textos que formam as outras três.

O que nem ele nem eu sabíamos é que seria nossa derradeira conversa, nosso derradeiro encontro. E que eu teria, pela primeira vez desde 1974, quando traduzi "O Monstro Meu Amigo" para uma coletânea de contos que marcou sua estreia no Brasil, de traduzir um livro dele sem que revisássemos juntos cada frase, cada linha, cada palavra.

Eduardo foi o único autor que traduzi - são uns 20 - que participou das



A chance e o risco de Temer
20/05/2016



Lançamentos

Livros, músicas e filmes



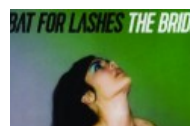
CD
**Mick Harvey
relê
Gainsbourg**

AA+



CD
"Earth"

BBB



CD
"The Bride"

BBB



DVD
**"Vice
Principals" (1ª
temporada)**

BBB



DVD
**"The Night of"
(minissérie)**

BBB

Legenda AAA Excepcional BBB Acima da média
CCC Baixa qualidade AA+ Alta Qualidade
BB+ Moderado C Alto Risco

O último adeus | Valor Econômico
revisões. Isso se deve basicamente a duas razões: primeiro, ele conhecia perfeitamente o nosso idioma; e, segundo, muito mais que meu amigo - vários dos autores que traduzi e traduzo são ou foram amigos essenciais na minha memória e na minha vida -, Eduardo era meu irmão mais velho.

Levo para sempre lembranças intocadas e intocáveis de como trabalhávamos juntos nessas revisões, negociando cada linha, cada palavra. Lembro especialmente de quando revisávamos a tradução de "Os Nascimentos", o primeiro volume da trilogia "Memória do Fogo", que considero, junto com "O Livro dos Abraços", o ponto máximo de tudo que ele escreveu.

É preciso, urgentemente, ler esses livros para entender como somos o que somos, como poderíamos ser o que não somos. Eu morava no México, e Eduardo aproveitou um convite sempre adiado para coincidir com a primeira versão da tradução.

Nós nos sentávamos num bar da secular praça central de Coyoacán, a poucos quarteirões da minha casa. Consumíamos oceanos de café, fumávamos cordilheiras de cigarros e, a certa altura da tarde, interrompíamos a jornada de trabalho para ver passar uma moça belíssima.

Nunca soubemos seu nome, nunca falamos com ela. Mas a cada aparição dela, os nós mais complicados da revisão se desfaziam de imediato. "Você deve registrar a contribuição essencial da bela inalcançável", brincava ele. Assim trabalhamos livros e livros. Depois apareceu a internet, e as moças belas e misteriosas sumiram no ar.

De certa forma, "O Caçador de Histórias" é muito mais que o legado final de um autor esplêndido. De alguém que nunca foi um escritor de certezas: era, como na vida, um homem de dúvidas, de perguntas. E que assim, buscando perguntas, ajudou seus leitores a encontrar respostas. E que assim, entre uma dúvida e outra, nos ajudou a entender como somos.

Eduardo Galeano morreu nas primeiras horas da manhã da segunda-feira, 13 de abril de 2015. Dias antes, na sexta-feira 10 de abril, eu telefonei para Helena avisando que chegaria na segunda ou terça para ver meu irmão mais velho. Não deu tempo. Cheguei na quarta, para a cerimônia final da despedida final.

Foi-se embora o melhor de todos nós. Foi-se embora o caçador de histórias. E continuo sem saber o tamanho dessa falta. Eduardo poderia ter escrito romances intrincados e instigantes e reveladores, contos definitivos, ensaios inquietantes.

Preferiu escrever do jeito que o jornalista espanhol descreveu: com um olho no microscópio, e outro no telescópio. Preferiu ver o mundo pelo buraco da fechadura.

A cada tanto, e até hoje, me surpreendo ligando para ele para perguntar sobre os desvarios dessa nossa pobre e tumultuada América, desse mundo em eterna e malvada ebulição.

Só que, agora, é em vão.

O caçador de histórias partiu, deixando o registro de um canto dos índios navajos que deveria servir de guia para todos nós:

"Que em beleza caminhe.

Que haja beleza diante de mim

e beleza atrás

e abaixo

e acima

e que tudo ao meu redor seja beleza

ao longo de um caminho de beleza

que em beleza termine."

Eu sei, Eduardo Galeano sabia, que a vida não é bem assim.

O último adeus | Valor Econômico.
E sabíamos, os dois, que assim deveria ser.

Eric Nepomuceno é autor, entre outros títulos, dos contos reunidos em "Antologia Pessoal" (Record, 2008). Traduziu livros de Eduardo Galeano e Gabriel García Márquez dentre outros

 Compartilhar 13  Tweet  Share  G+1  0  Q
